

As palavras dos professores e as coisas da escola: materialidade escolar, mobília e fazeres docentes entre os séculos XIX e XX

Andréa Bezerra Cordeiro¹

Franciele Ferreira França²

RESUMO

Neste artigo, temos por proposição acercar-nos de elementos constitutivos da escola que podem revelar resquícios do cotidiano escolar: os sujeitos que a compõem, as materialidades que a distinguem e as práticas que nela se formalizam, com o intuito principal de voltar o olhar para a materialidade escolar na relação com o fazer docente. Assim, pretendemos perspectivar a constituição da materialidade escolar na e a partir da constituição da profissão docente. Para tanto recorreremos à composição de uma análise a partir de fontes que apresentam perspectivas da relação de docentes com o mobiliário escolar, em meados do século XIX e início do século XX, compreendendo este recorte temporal como significativo na expansão dos discursos e produção, tanto do mobiliário escolar como da profissionalização docente. Buscamos também analisar estas relações abarcando discursos docentes no Brasil e Argentina, compreendendo a relevância da transnacionalização dos saberes e fazeres que compõe a cultura escolar e cultura material escolar no projeto moderno de expansão da escola de massa.

Palavras-chave: Materialidade escolar. Saberes docentes. História da Educação Brasil-Argentina.

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná- UFPR. Professora Adjunta no Departamento de Planejamento e Administração Escolar da Universidade Federal do Paraná. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6963-5261>. E-mail: andreacordeiourofpr@gmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil - NEPIE/UFPR. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3161-6572>. E-mail: fran.f.franca@outlook.com

The words of teachers and things of school: school materiality, furniture and teachers practices in the nineteenth and twentieth centuries

ABSTRACT

In this article, we propose to approach constituent elements of the school that can reveal traces of its routine: the subjects that compose it, the materialities that distinguish it and the practices that are formalized in it, with the main intention of looking back at school materiality in relation to teaching. Thus, we intend to envisage the constitution of school materiality in and from the constitution of the teaching profession. For that, we will resort to the composition of an analysis from sources that present perspectives of the teachers' relationship with school furniture, in the middle of the 19th century and the beginning of the 20th century, understanding this temporal cut as significant in the expansion of the discourses and production, both of the school furniture as well as teaching professionalization. We also seek to analyze these relationships, encompassing teaching discourses in Brazil and Argentina, understanding the relevance of the transnationalization of knowledge and practices that make up school culture and school material culture in the modern expansion project of the mass school.

Keywords: School materiality. Teaching knowledge. History of Education Brazil-Argentina.

Las palabras de los maestros y las cosas de la escuela: materialidad escolar, mobiliario y haceres docentes entre los siglos XIX y XX

RESUMEN

En este artículo, tenemos por proposición acercarnos a elementos constitutivos de la escuela que pueden revelar vestigios de la rutina escolar: los sujetos que la componen, las materialidades que la distinguen y las prácticas que se formalizan en ella, con la principal intención de mirar hacia la materialidad escolar con relación al hacer del docente. Por lo tanto, pretendemos reflexionar sobre la constitución de la materialidad escolar en y desde la constitución de la profesión docente. Para eso, recurriremos a la composición de un análisis de fuentes que presenten perspectivas de la relación del docente con el mobiliario

escolar, a mediados del siglo XIX y principios del XX, entendiendo este corte temporal como significativo en la expansión de los discursos y la producción, tanto del mobiliario escolar como la profesionalización docente. También buscamos analizar estas relaciones, abarcando discursos docentes en Brasil y Argentina, comprendiendo la relevancia de la transnacionalización de saberes y prácticas que componen la cultura escolar y la cultura material escolar en el proyecto de expansión moderna de la escuela de masas.

Palabras clave: Materialidad escolar. Saberes docentes. Historia de la Educación Brasil-Argentina.

As coisas da escola: um olhar sobre a materialidade escolar

*“Cada **banco** tem meia hora de lição, e com a chamada da 3ª é despedida a 1ª.”*

(Relatório professor Honório Décio da Costa Lobo, 1862, AP. 139, p. 124, grifo nosso).

Tem sido pontuado na historiografia da educação que a escola não se faz sem determinada materialidade. Nesse sentido, temos estudos que falam de espaços/prédios escolares, de cadernos, de livros, de bancos, carteiras, armários, quadro negro e outros objetos da escola. Trabalhos que nos contam, entre outras coisas, sobre a história desses objetos, analisam sua inserção e produção; investigam sua circulação e de que forma foram utilizados nos espaços escolares; exploram as relações com os métodos de ensino, com as concepções pedagógicas; estabelecem aproximações com o contexto social e cultural de um espaço-tempo de outrora³.

Neste artigo, partilhando dessa mesma compreensão, de que “[...] não é possível pensar a escola, seus saberes e práticas descolada de sua dimensão material.” (CASTRO; VIDAL; PERES; SOUZA; GASPARGAR da SILVA, 2013, p. 284), temos por proposição acercar-nos de elementos constitutivos da escola que podem revelar resquícios do cotidiano escolar: os sujeitos que a compõem, as materialidades que a distinguem e as práticas que nela se formalizam, com o intuito de voltar-se para a materialidade escolar na relação com o fazer docente. Ou melhor, pre-

³ Entre os temas mencionados podemos citar, entre outros, os trabalhos de: ÂLCANTARA, 2014; BARRA, 2001; BENCOSTTA, 2007; CASTRO, 2011; CASTRO, R., 2009; GARCIA, 2020.

tendemos perspectivar a constituição da materialidade escolar na e a partir da constituição da profissão docente.

O olhar se dirige para tais aspectos, na tentativa de compreender a escola em seu processo histórico, tomando as “coisas da escola” como chave de leitura para as relações e sentidos que nela se configuram, por meio das “palavras dos professores”. Gizele de Souza e Vera Lucia Gaspar da Silva (2019, p. 7-8, grifos nossos), pontuam que, nesse caminho, **“identificar discursos** que advogam um desenho material para a escola, formas de operacionalização e modos de uso, **ajudam a compor um cenário que explicita sentidos que esta materialidade porta.”**

Neste sentido, as fontes que ajudam na composição do cenário que aqui se deseja descortinar provêm dos sujeitos da escola, com enfoque prioritário nos documentos provindos de professores, que em seus escritos deixam entrever seus modos de uso e formas de operacionalização desta materialidade.

O período abordado compreende meados do sec. XIX e início do sec. XX, por entendermos este momento como significativo na expansão dos discursos e produção, tanto da materialidade escolar como da profissionalização docente.

Ampliando um pouco a análise, estendemos estas reflexões para além do Brasil ao incluirmos discursos docentes provindos da Argentina, pois consideramos a relevância da transnacionalização dos saberes e fazeres que compõe a cultura escolar e a cultura material escolar no projeto moderno de expansão da escola de massa.

Na análise desta documentação, temos por ancoradouro pressupostos teórico-metodológicos que nos ajudam a ler esta “realidade”, como Dussel (2019), Escolano Benito (2000, 2007, 2011, 2013, 2017, 2018), Lawn (2018), Peres; Souza (2011), Souza; Gaspar da Silva (2019), Veiga (2018), Vidal (2009, 2017), entre outros.

Eliane Peres e Gizele de Souza (2011, p. 46), evidenciam que adentrar “neste campo de estudo sobre a materialidade escolar no contexto da escolarização primária” propicia diversificar as perguntas a serem feitas nas investigações “acerca do cotidiano da escola pública brasileira”. As autoras se indagam sobre como um conjunto de objetos pode “nos ajudar a revelar e entender sobre os dizeres e os fazeres da escola primária brasileira entre fins do século XIX e início do século XX?” (PERES; SOUZA, 2011, p. 46)⁴.

4 Importante pontuar que as autoras indicam que essa questão (e outras mais) mobilizou o

Talvez seja essa a questão mais desafiadora feita por Peres e Souza, porque nos provoca a olhar não só para escola, mas também para dentro e em torno dela. É junto dessa pergunta que desenvolvemos as reflexões aqui propostas e, vinculada a esta, interessa-nos saber qual a experiência vivenciada (VEIGA, 2018) pelos professores na relação com essa materialidade, especialmente no que tange ao mobiliário escolar.

Inés Dussel (2019) afirma que o tema da materialidade não é recente, pois referências ao conjunto de materiais da escola aparecem em texto de autores mais antigos, como em Comenius, exemplificado pela autora, mas que a novidade está no enfoque dado pelos pesquisadores contemporâneos, que se perguntam como essa materialidade se constituiu e que efeitos produziu. A autora ressalta haver um giro teórico e metodológico inspirado em correntes teóricas distintas - na história social, na perspectiva foucaultiana, em Walter Benjamin e na história multissensorial, e que a partir dessa perspectiva “la indagación histórico-educativa” se faz “sin presuponer que se sabe lo que son o lo que pueden hacer los artefactos” (DUSSEL, 2019, p. 19).

Podría sintetizarse, entonces, este giro de la teoría y la investigación sobre la cultura material como el poner en movimiento a los objetos, no como acción externa realizada por los humanos, sino por medio de una escucha o una sensibilidad mucho más atenta al propio movimiento de las cosas, a sus devenires, a sus derames [...]. En esa dirección, **la historia material de la educación asume una sensibilidad etnográfica, una voluntad de cartografiar o documentar las experiencias que involucraron a personas y objetos a través de sus huellas materiales**, tomadas ellas también como materia que sigue transformándose en su contacto con los investigadores [...]. (DUSSEL, 2019, p. 19, grifos nossos).

Podemos aproximar as ponderações de Dussel ao que apresenta Agustín Escolano Benito em suas investigações sobre a cultura empírica da escola e, vinculada a essa, a cultura material da escola. O autor afirma que nas pesquisas sobre a escola é necessário “um giro epistemológico e historiográfico” que tenha por objetivo “fixar o olhar investigativo na ação - fonte de toda construção cultural”, pois, dessa forma, seria possí-

trabalho realizado descrito no texto referenciado, impulsionando as análises no trato com as fontes.

vel “definir as representações factuais da vida nas instituições educativas do passado (e também do presente), que seriam, nesse sentido, a mimese da cultura empírica da escola” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 30).

Significa, portanto, atentar-se para o mundo da empiria - “para os objetos e os sujeitos que intervêm nos processos de formação, assim como para as ações que entre eles se estabelecem na vida escolar”, pois estes são elementos “que definem o campo empírico sobre o qual a pedagogia [...] se constrói como saber e disciplina. (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 31). O autor ainda afirma que a nova história cultural tem marcado e configurado o campo historiográfico em torno dos estudos sobre as materialidades escolares com um direcionamento investigativo a partir do material, considerando, entre outros aspectos, as relações destes materiais com os atores e as práticas empíricas que os coloca em ação (ESCOLANO BENITO, 2018).

Retomando as palavras em destaque na epígrafe deste artigo, do professor Honório Décio, no ano de 1862, podemos lê-las com base na assertiva de que nas “materialidades estão impressas as práticas da cultura empírica e o *habitus* da profissão docente” (ESCOLANO BENITO, 2018, p. 105), e observar sem pressuposições (DUSSEL, 2019). Dessa forma, podemos pensar nos sentidos que essa materialidade ganha na interação com o sujeito - por exemplo - *banco*, para o professor, é ao mesmo tempo: uma classe, um móvel da escola e um instrumento de organização da escola e do ensino.

Nesse sentido, na segunda parte deste estudo, construímos uma interlocução com uma documentação provinda de alguns professores e/ou produzida para os professores, que nos contam sobre a materialidade em sua escola, especialmente sobre o que nos deixam apreender sobre o mobiliário escolar, com o intuito de evidenciar as potencialidades que essa abordagem pode trazer para a história da educação. Ou seja, voltar-se para a dimensão material da escola como constituinte do ofício de professor pode possibilitar outras perspectivas no que tange à história da profissão docente e à história da escola primária.

As palavras dos professores: o professor como autor-artífice na produção de mobiliário e recursos didáticos

Visto a capacidade que a sala tem para receber pouco mais ou menos 60 alunos, e ser em forma quadrilon-

ga, muito conviria para facilitar a vigilância da aula que a minha cadeira estivesse colocada sobre um estrado, e este em frente da porta, para eu poder observar sem custo cada aluno nos seus respectivos lugares, e notar os que entram e saem. (A INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1872, p. 288)

Na caminhada que vem sendo trilhada pelas pesquisas em História da Educação ao redor da chave de leitura “cultura material escolar” fica muito clara a preocupação, cada vez mais aprofundada, de perceber as coisas materiais da escola como vetores, como dizia, já em 1998, Ulpiano de Meneses. Vetores de ideias, de relações, de potencialidades, de usos e de obsolescências, que são impregnadas de uma história que é da educação, é social e é econômica.

Diante disso, por meio das narrativas dos professores sobre os artefatos e mobiliário escolar, é possível uma aproximação ao sentido atribuído a esses na prática docente, e também aos sentidos mais amplos de suas visões sobre o ensino, sobre a escola e sobre as relações sociais e econômicas envolvidas na presença e nas carências, muitas vezes denunciadas, dos objetos ditos essenciais ao ensino em cada época.

Compreende-se que é também no manuseio dos objetos que os professores traduzem seus saberes, que fazem uso do seu *acervo empírico* (ESCOLANO BENITO, 2017). Ou seja, nas experiências vividas pelos professores primários, no dialogismo entre a sua prática e a dimensão material da escola, que fazeres e saberes são produzidos.

Martin Lawn (2018), numa composição com as ideias de Hamilton e Cuban, pondera que os objetos, a arquitetura, e a mobília *trabalham* os professores, à medida que suas práticas profissionais se veem constrangidas a um entorno material que os direciona a determinadas formas de “comportamento de ensino”. Porém, enquanto são *trabalhados* pela cultura material de seu contexto, são os professores também *usuários*, no sentido cereteuniano, e nesta condição, a margem de liberdade possível faz deles, além de consumidores e de importantes agentes dentro da economia escolar (VEIGA, 2018), artífices de seus instrumentos, os quais consertam, desmontam, reinventam e reaproveitam com base na sua experiência profissional e em suas visões sobre o ensino.

Em outro estudo, junto de Ian Grosvenor, Martin Lawn afirma que “os professores compartilham suas vidas com os objetos em seu trabalho, estes os ajudam a definir sua identidade de trabalho (LAWN;

GROSVENOR, 2001, p. 126)⁵, e que, ao falar sobre os objetos, os professores refletem sobre o impacto da cultura material em suas vidas profissionais: “Contar histórias sobre objetos pode permitir que professores expliquem a um estranho a natureza de sua cultura de trabalho, fazer conexões entre eventos de ontem e de hoje e de se localizar na história” (LAWN; GROSVENOR, 2001, p. 126)⁶.

Paralelamente a isso, Michel de Certeau (2008, p. 93) nos indica a possibilidade de pensar os bens de consumo numa perspectiva que ultrapasse os dados de sua circulação e funcionamento econômico, buscando também “o léxico de suas práticas”. É justamente este léxico, construído pelos professores em sua relação com as coisas da escola, com as carências de recursos, com os meandros da economia escolar, que nos mobiliza a adentrar um pouco nos fazeres docentes em processo de construção neste recorte histórico.

Desta forma, ao colocarmos a atenção sobre as falas dos professores percebemos como estes *fabricam*, para seguir com termos cer-teaunianos, as suas noções de necessidade, das funções e dos usos dos objetos escolares, amalgamando as táticas de reivindicação e consumo às de uso e produção inventiva de suas ferramentas de trabalho.

No exemplo a seguir podemos perceber este amálgama de reivindicação e reinvenção, na carta escrita pelo professor brasileiro Jeronimo Dursky, em 1876, em que envia um orçamento de solicitação de mobília escolar ao Presidente da Província do Paraná:

Tenho a honra de passar as mãos de Vossa Excelência o orçamento de móveis e utensílios indispensáveis para regularmente e com proveito poder ensinar as matérias de instrução primária na escola pública da Colônia Orleans; e confio que Vossa Excelência se dignará de atender tão justa quão imprescindível necessidade para o ensino. Comprei quatro bancos com escrivaninha **já usados pelo preço de 20.000, para desmanchar e depois compor os mesmos**. Como o número destes bancos fosse insuficiente para 36

5 No original: “Teachers in their work share their lives with objects. They help to define their work identity” (LAWN; GROSVENOR, 2001, p. 126. Com tradução livre e revisão de Ana Julia Lucht Rodrigues).

6 No original: “Telling stories about objects can enable teachers to explain to an outsider the nature of their work culture, to make connections between events of yesterday and today, and to locate themselves in history” (LAWN; GROSVENOR, 2001, p. 126. Com tradução livre e revisão de Ana Julia Lucht Rodrigues).

alunos de ambos os sexos, torna-se indispensável mandar fazer mais dois bancos com escrivaninha; e para este fim contratei uma dúzia de taboas largas por 10.000 [...] (DURSKY, 1876, AP. 501, grifos nossos).

O professor solicita o que julga indispensável para poder realizar seu trabalho de “ensinar com proveito”, e concomitantemente sinaliza o que já tem buscado *decoupar* com os parcos meios que dispõe, comprando tábuas e bancos usados para desmontar e remontar novos móveis. A circulação de discursos sobre a necessidade de determinados elementos para desempenhar a docência move um arcabouço de saberes e fazeres entre os próprios professores, e nos conta muito mais coisas da escola quando tentamos ouvir os *ruídos* (CERTEAU, 2008) que escapam das palavras dos professores.

Quando o professor ressalta que, para além dos quatro bancos usados, comprou ainda taboas para fazer mais com o intuito de acomodar os seus 36 alunos, ele nos conta que a mobília é necessária para que ele organize seus alunos de forma a agrupá-los dentro das classes, que sem as escrivaninhas seu trabalho em ensinar a escrita poderia ficar incompleto, ou mesmo, que seria impossível aplicar com regularidade o método adotado.

Mais do que isso, as palavras deste professor, nos deixam entrever que a necessidade atinge os modos de fazer do professor, “pois descartam situações que colocam a materialidade como dispositivo de organização do tempo e espaço escolar, que revelam modos e práticas dos professores [...], e que constituem um modo de trabalho docente na formalização de práticas que acontecem no uso escolar dessa materialidade” (FRANÇA, 2019, p. 147).

A solicitação de material era, como podemos ver na citação do professor Jeronimo Dursky, um procedimento tratado discursivamente com cuidado: além de deixar às autoridades a mensagem de que o pedido é justo e que se conta com o discernimento do Estado em atendê-lo, era importante indicar também a experiência e conhecimento docente sobre a necessidade do que se pede.

Tais recursos discursivos apareceram como conteúdo publicado no periódico pedagógico brasileiro *A Instrucção Pública*, em 1872. Nas páginas da revista encontramos um modelo de carta⁷ que poderia ser

7 Foi publicado na revista, como parte de um conjunto de compilados, modelos de cartas

enviada por um professor/diretor “ao presidente da câmara municipal, rogando-lhe queira antes da sua instalação, fazer arranjar a aula com a mobília indispensável”. Antes do modelo da carta em si segue a seguinte orientação:

Nesta carta deve o diretor **fazer sentir a sua experiência neste objeto, evitando fazer uma enumeração singela, que pareça tirada de um Manual ou catálogo;** e fazendo conhecer a razão, que o move, fundada na necessidade dos objetos requisitado (A INSTRUÇÃO PÚBLICA, 1872, p. 288, grifos nossos).

“Fazer sentir a sua experiência”, não parecer copiar um catálogo, mostrar fundamento na necessidade inquestionável dos itens solicitados com base na experiência profissional, são recursos discursivos que ampliariam as possibilidades e legitimariam o pedido, lastreados na prática docente.

Junto das palavras na epígrafe em destaque no início desta parte do artigo, podemos pontuar que estes são elementos que mostram também um léxico em produção e circulação entre os docentes, pois demonstram o que Escolano Benito (2017, p. 120) expõe ao afirmar que “os objetos materiais, integrados nas estratégias empíricas do trabalho escolar de alunos e professores, são um reflexo funcional e simbólico das formas de entender e governar a prática.”

Além disso, ao fundamentar sua necessidade em sua experiência, o professor, para fazer o pedido, era orientado a refletir sobre o que aquele material influía diretamente, ou seja, era preciso *contar* sobre. Ao fazer isso, “o professor se volta para a sua prática cotidiana, transformando-a em um discurso da experiência que é capaz não só de informar, mas de fornecer respostas aos problemas enfrentados” (FRANÇA, 2019, p. 174).

A partir disso, podemos inferir que esta ação favorece o desenvolvimento do que Maurice Tardif (2012, p. 53) denomina de “certezas experienciais”, provocando com que o professor recontextualize sabe-

sobre os assuntos da escola para que os professores “viessem a conhecer”. Originalmente extraídos do manual “Elementos de Pedagogia” de autoria de José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire, publicado em Lisboa, em 1870, a compilação recebeu o título “Organização e regimên das escolas primárias” e foi escrito por Antonio Severino da Costa. No artigo de apresentação do material, o autor pontuava que achava importante que os professores primários tivessem acesso ao tema, e por isso transcrevia o material originalmente publicado no manual de Affreixo e Freire.

res. Mais do que isso, se considerarmos as ponderações de Tardif (2012) sobre os saberes experienciais dos professores: podemos evidenciar que ao fazer a solicitação, baseando-se no modelo de carta publicado na revista, os professores *objetivavam* os seus saberes (e fazeres), já que se assim procedessem seriam “levados a tomar consciência de seus próprios saberes experienciais, uma vez que devem transmiti-los e, portanto, objetivá-los em parte, seja para si mesmos, seja para seus colegas” (TARDIF, 2012, p. 52).

A imprensa periódica voltada ao professorado, desde fins do século XIX até a primeira metade do século XX, teve um papel importante na circulação de ideias sobre a escola e a constituição de identidade docente.

Alessandra Schueler (2005) afirma que foi por meio da reunião entre pares e autoria dos artigos publicados que os professores, em um processo de construção e reelaboração de identidades, “apresentaram-se como categoria profissional ao público leitor, ora por vias diretas, como nos exemplos e nas trajetórias pessoais que analisavam, ora por meio de temas diversos, ao abordarem os problemas educacionais e sociais que julgavam fundamentais” (SCHUELER, 2005, p. 389).

Tais periódicos tinham a intenção de servir como veículo de comunicação e aperfeiçoamento entre o professorado, notadamente entre os professores de lugares remotos, privados de momentos de formação mais formais em cursos e conferências, como se afirma no editorial final do Primeiro Volume da revista *A Escola*:

Só a imprensa pedagógica pode, nas atuais circunstâncias do país, levar a toda a parte dele os conhecimentos didáticos necessários ao nosso, em geral, atrasado preceptorado. Permita-se-nos repetir o que por mais de uma vez temos dito: São três os elementos com que se constitui um bom professorado primário: a escola pedagógica forma o preceptor, a conferência pedagógica estimula-o, a imprensa pedagógica aperfeiçoa-o. (A ESCOLA, 1877, p, 281).

Revistas como as brasileiras *A Escola* (Publicada nos anos de 1877 e 1878, no Rio de Janeiro) e *A Instrução Pública* (Publicada entre 1872-1875 e 1887 – 1888, no Rio de Janeiro), a britânica *Teachers Monthly in England* (estudada por Martin Lawn) e a argentina *El Monitor de la Educación Común* (cuja primeira fase editorial vai de 1881 a 1949, em Buenos Aires), ofereciam, entre muitos temas da educação, discussões sobre as demandas em relação ao conjunto de objetos de ensino.

Nas páginas destas revistas não apenas se falavam das vantagens e desvantagens de determinados objetos escolares, mas se discutia a necessidade deles, a falta que faziam, bem como se buscava suprir esta ausência estimulando a troca de ideias entre professores, seja nas formas de reivindicar materiais para suas escolas, seja de produzir os materiais possíveis por seus próprios meios.

A própria discursividade da falta se torna parte importante desses saberes e do léxico dos professores, e é acionada não somente para solicitar móveis e outros materiais, mas algumas vezes também para registrar e expor as ações proativas de alguns professores, que ao constatar a falta criticam o Estado, buscando prover a escola de maneiras alternativas, através de doações, festas, exposições, ou por via do engenho de professores e funcionários da escola.

A ausência e a precariedade estão muito presentes nos discursos, no entanto, é preciso ler nas entrelinhas e focar melhor a lente, pois nesse movimento está a possibilidade de captar outros resquícios dessa materialidade que permeia a escola e das práticas que nela transitam. Portanto, interessa perceber não só o conteúdo dos “reclames”, mas os motivos, modos e condições de suas solicitações (SOUZA, 2013).

O argentino Antonio E. Díaz, professor e diretor de escola normal, relata no periódico *El Monitor de la Educacion Común*, de maneira muito completa, o que se realizou em sua escola a partir das ausências:

Ha sido un bien para nuestra empresa educativa vivir en la mayor pobreza, pues esto nos ha obligado siempre a encurar la solución de diversos problemas de organización, de disciplina, de enseñanza y hasta para adquirir una fisonomía individual, a bastarnos, a recurrir a propios y extraños en demanda de ayuda, ora para construir mobiliario, conseguir elementos de cultura, habilitar aulas y oficinas en las galerías, (...). El cajón de queroseno que utilizamos desde los primeros días de nuestra labor docente, como asiento, se ha transformado en estantes rusticos para útiles y trabajos, en pupitres, mesas superpuestas para alumnos de tronco elevado, a fin de que no se encorven al escribir, dibujar, etc; en escabeles para los niños que no alcanzan a apoyar los pies en el piso; en soporte de planteros de nuestro jardín; en tablero con denominación de grados y oficinas administrativas. (DÍAZ, 1916, p. 10).

Neste artigo publicado na revista, Antonio Diaz apresenta uma perspectiva bastante ímpar sobre a participação comunitária e a auto-suficiência nas escolas. Se os discursos recorrentes no século XIX endossam o aluno pobre e sua família como “contribuintes na ineficácia da escola na confirmação da economia escolar” (VEIGA, 2018, p. 51), e no século XX se perspectiva esta visão pela lógica do assistencialismo ao aluno pobre (VEIGA, 2018, p. 59), no exemplo do professor Antonio Diaz teremos uma visão diferente das famílias e dos alunos e sua relação com o provimento material da escola:

Carecíamos de mobiliario, de útiles más indispensable de trabajo, de material de enseñanza, etc. Para subsanar tan múltiples dificultades, recurrí a los alumnos, pidiéndoles nos ayudaran por intermedio de sus padres, donando a la escuela cajones vacios de querosén, porrones de tinta, cajas de tiza, toallas, borradores de pizarrón o trapos lavados par tal uso, elementos de farmacia para primeros auxilios, palanganas, cepillos de ropa y de calzado, betún, jabón, peines, agujas, hilo, plumeros, etc. Con verdadera satisfacción veíamos afluir éstas y otras donaciones, de poco precio. **La lentitud con que se tramita cualquier expediente en las oficinas directivas, nos obligó a poner en juego este recurso.** Educando a los niños acostumbrábamos al pueblo a subvenir a necesidades crecientes e impostergables de la escuela. (DIAZ, 1916, p. 09, grifos nossos).

A crítica à demora do Estado em atender a escola está presente, bem como está presente uma reação gerada na urgência e conhecimento prático das necessidades escolares. Na sequência do artigo, o professor segue com uma descrição detalhada de utensílios e móveis inventados/produzidos na escola, e das táticas usadas para produzi-los, como a de contratar para portaria e zeladoria pessoas com experiência em marcenaria, encadernação e costura, a fim de mobilizar este corpo de funcionários, junto aos professores, em oficinas que buscariam prover a escola do que ela entendia coletivamente como necessário.

A presença deste tipo de conteúdo nas revistas reforça o que Diana G. Vidal (2017) afirma em sua análise da ação dos docentes mediante as demandas estimuladas pelo mercado de artefatos escolares, em confronto com as realidades das escolas com poucos recursos financeiros. Em sintonia com Lawn e Grosvenor (2001, p. 123-124), Vidal

(2017) retoma a ideia de que o que podemos chamar de cultura docente deriva justamente da capacidade ativa e criativa dos professores de artesanalmente reinventar a precisa ferramenta para a necessária tarefa.

Neste sentido, o saber do professor não se manifesta apenas no momento da aula, ensinado, mas em seu trabalho contínuo nos tempos entre aulas (Vidal, 2017, p. 262). Assim, o professor é autor e artífice, não apenas consumidor, mas criador de tecnologias em serviço, seja por necessidade, diante dos limitados recursos das escolas, seja por desejo de criação e aprimoramento de suas práticas.

Para encerrar

La escuela nos ha legado todo un utillaje material, un ajuar ergológico (como dirían los antropólogos), que es reflejo de su cultura empírica, de la tradición corporativa adscrita al oficio de enseñante, y en parte también de los discursos teóricos y normativos que se han proyectado sobre la educación formal. (ESCOLANO BENITO, 2010, p. 16).

Neste texto nos propusemos a pensar de que maneira foram algumas das interações dos professores com os objetos que adentraram suas escolas (aqui em específico o mobiliário escolar) e em formas de como os docentes desenvolveram e aprimoraram seu ofício nesta relação.

Buscamos problematizar junto de documentos produzidos por e para professores, cartas e artigos de revistas pedagógicas, indícios de práticas docentes, individuais e coletivas que sinalizassem uma relação destes profissionais com o mundo material da educação, visando iniciar um diálogo sobre essa perspectiva.

Com base nas fontes consultadas, o exercício foi compreender de que forma um conjunto de materiais, tanto em sua presença como em suas ausências, e os esforços criativos para sua aquisição e produção, interviu na constituição do ofício docente, no intuito de identificar e evidenciar modos de fazer docente que se produziram junto de uma materialidade escolar e conformaram um repertório de saberes, contribuindo para a configuração de um conjunto material específico da e para a escola, construindo assim uma cultura escolar nos moldes de Escolano Benito (2010, 2017).

Diante da análise empreendida, demarcamos que os professores executavam múltiplos papéis no circuito de uma *economia escolar* (VEILGA, 2018), sendo consumidores, mas também *usuários*; receptores, mas também artífices. Além disso, ressaltamos seu lugar como autores de ferramentas, mobiliário e objetos escolares dos mais diversos, temática esta que pede um aprofundamento detalhado em estudos futuros, ampliando no cruzamento de fontes e referências teóricas, a compreensão das implicações no campo da economia escolar e das práticas docentes do trabalho autoral dos professores, construído na esfera dos saberes, léxicos, normas, mas, especialmente, nos fazeres cotidianos na sala de aula.

Assim, entendemos que nesta ação de produção, há uma reflexão sobre a prática, uma recontextualização de saberes, um fazer que se pauta principalmente em saberes empíricos, que não só resolve problemas, mas também cria soluções.

Em nosso intento de “*cartografiar o documentar las experiencias que involucraron*” (DUSSEL, 2019, p. 19), queremos salientarmos que tomar as “coisas da escola” como chave de leitura para as relações e sentidos que nela se configuram por meio das “palavras dos professores”, possibilita-nos perceber características e particularidades do ofício de professor, pois acercar-se à dimensão material da escola, significa aproximar-se de práticas docentes (de trabalho e culturas).

Além disso, a efeito do movimento aqui realizado, podemos afirmar que a relação entre professores e os objetos escolares são [foram] resignificadas na e por uma arte de ensinar, em que os professores configuram os sentidos da profissão e de uma prática docente, constituindo, dessa forma, uma *tradição do ofício* (ESCOLANO BENITO, 2017).

Por fim, nosso objetivo foi o de demonstrar que os professores, ao operarem com a materialidade da escola em seu exercício, firmam uma relação dialógica com uma cultura material escolar e que esta, não só é constitutiva do ofício docente, como também se constitui a partir dele.

Portanto, investir nessa abordagem de estudo pode revelar aspectos do fazer docente, possibilitar um melhor entendimento dos modos de produção e “entrada” de um conjunto material na escola, refinar a concepção de uma cultura material escolar e propiciar um aprofundamento sobre a cultura empírica da escola.

Referências

A ESCOLA. Rio de Janeiro, v. I, p. 281, 1977. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=351199&pagfis=172>. Acesso em: 21 jul. 2020.

A INSTRUÇÃO PÚBLICA: Folha Hebdomadária. Rio de Janeiro, v. 32, p. 288, 1872. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/233048/per233048_1872_00032.pdf. Acesso em: 21 jul. 2020.

ÂLCANTARA, W. R. R. **Por uma história econômica da escola**: a carteira escolar como vetor de relações (São Paulo, 1874-1914). 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2014.

BARRA, V. M. L. **Da pedra ao pó**: o itinerário da lousa na escola pública paulista do século XIX. 2001. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://seminarioculturamaterialescolar.blogspot.com.br/2012/06/da-pedra-ao-po-o-itinerario-da-lousa-na.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

BENCOSTTA, M. L. A. (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

CASTRO, C. A. (org.). **Cultura material escolar**: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). São Luis - MA: Café & Lápis, 2011.

CASTRO, C. A.; VIDAL, D. G.; PERES, E.; GASPAR DA SILVA, V. L.; SOUZA, G. de. Cultura Material Escolar: Fontes para a história da escola e da escolarização elementar (MR, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). In: SOUZA, R. F.; GASPAR DASILVA, V. L.; SÁ, E. F. (org.). **Por uma teoria e uma história da escola primária do Brasil**: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930). Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 273-316.

CASTRO, R. X. S. **Da cadeira às carteiras escolares individuais**: entre mudanças e permanências na materialidade da escola primária catarinense (1836-1914). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIAZ, A. Escuela normal mixta de maestros de 25 de mayo. **El Monitor de la Educación Común**, Argentina, t 56, p. 08-24, 1916. Disponível em:

<http://www.bnm.me.gov.ar/catalogo/Record/000198128>. Acesso em: 27 jul 2020.

DURSKY, J. Orçamento de material enviado pelo professor. **Arquivo Público do Paraná**. Coleção dos livros APs entre os anos de 1854-1889. Curitiba/PR: DEAP, 1876, AP. 501, p. 111.

DUSSEL, I. La cultura material de la escolarización: reflexiones en torno a un giro historiográfico. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 76, p. 13-29, jul./ago. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000400013&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 27 jul. 2020.

ESCOLANO BENITO, A. Las culturas escolares del siglo XX: Encuentros y desencuentros. **Revista de Educación**, número extraordinario, 2000, p. 201-208.

ESCOLANO BENITO, A (ed.). **La cultura material de la escuela**. En el centenario de la Junta para Ampliación de Estudios, 1907-2007, Berlanga/Soria, CEINCE, 2007.

ESCOLANO BENITO, A. Patrimônio material de la escuela e historia cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 02, p. 13 – 28, jul. / dez. 2010.

ESCOLANO BENITO, A. Introducción: Arte y oficio de enseñar. *In*: PERANDONES, P.C. (Ed.). **Arte y Oficio de Enseñar: Dos siglos de perspectiva histórica**. XVI Coloquio Nacional de Historia de la Educación. El Burgo de Osma/España: Sociedad Española de Historia da Educación / Universidad de Valladolid / Centro Internacional de la Cultura Escolar, 2011, p. 17-26.

ESCOLANO BENITO, A. La construcción histórica de la escuela desde la lógica de la razón práctica. **Q. Times**, Revista online, Roma, año V, n.01, 2013.

ESCOLANO BENITO, A. **A escola como cultura: Experiência, memória, arqueologia**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2017.

ESCOLANO BENITO, A. Etnohistória e Cultura Material da Escola: a educação nas Exposições Universais. *In*: SILVA, G. da, V. L.; SOUZA, G. de; CASTRO, C. A. (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018, p. 93-118.

FRANÇA, F. F. **Um inventário de saberes, um repertório de fazeres: modos e práticas do ofício de ensinar na escola primária durante a**

segunda metade do Séc. XIX (1856-1892). 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

GARCIA, G. A. **Itinerário moveleiro**: o provimento material escolar para a instrução primária paranaense – anos finais do Século XIX e início do Século XX. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

LAWN, M. A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho. *In*: GASPARD DA SILVA, V. L.; SOUZA, G. de; CASTRO, C. A. (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018, p. 341-366.

LAWN, M.; GROSVENOR, I. When in doubt, preserve exploring the traces of teaching and material culture in English schools. **History of Education**, 30-2, p. 117, 2001.

LOBO, H. D. C. Relatório de professor. **Arquivo Público do Paraná**. Coleção dos livros APs entre os anos de 1854-1889. Curitiba/PR: DEAP, 1862, AP. 139, p. 124.

MENESES, U. T. B. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço Público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89 - 104, 1998.

PERES, E; SOUZA, G. de. Aspectos teóricos-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação. *In*: CASTRO, C. A. (org.). **Cultura Material Escolar**: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS) – 1870-1925. São Luis: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

SCHUELER, A. F. M. Representações da docência na imprensa pedagógica da Corte imperial (1870- 1889): o exemplo da instrução. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 379-390, set./dez. 2005.

SOUZA, G. de. Cultura material na escola primária paranaense: rituais e gestos de professores e autoridades de ensino na organização do cotidiano escolar no século XIX. *In*: CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez (org.). **A escola e seus artefatos culturais**. São Luiz: EDUFMA, 2013.

SOUZA, G. de; GASPARD DA SILVA, V. L. Artefatos escolares e saberes em apresentação: estudos de cultura material. **Educ. rev.**, Curitiba, v.35, n.,76, jul./ago. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000400007. Acesso em 27 jul. 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VEIGA, C. G. A história da escola como fenômeno econômico: diálogos com história da cultura material. Sociologia econômica e história social. *In*: GASPAR DA SILVA, V. L.; SOUZA, G. de; CASTRO, C. A. (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018, p. 29-66.

VIDAL, D. G. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

VIDAL, D. G.. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 09, nº 1, p. 25-41, jan/jun. de 2009.

Recebido em: agosto/2020

Aceito em: setembro/2020